

Prefácio

A parceria estabelecida para este número das revistas *Dispositiva* e *Estudos de Jornalismo* simboliza uma ideia: os pesquisadores lusófonos em jornalismo não podem abdicar da produção de conhecimento jornalístico na sua própria língua – o português – sobre objetos jornalísticos da realidade lusófona. Trata-se não apenas de garantir, face à hegemonia do inglês, a sobrevivência do português como língua de produção de conhecimento científico, mas também, de dar consistência e importância às pesquisas sobre o jornalismo lusófono desenvolvidas e disseminadas em português.

Cerca de 280 milhões de falantes têm por língua materna o Português. É a quinta língua mais falada do mundo. Une países e povos da Europa, de África, da América do Sul e da Ásia. Produzir conhecimento jornalístico em português, sendo um gesto de responsabilidade social por parte dos pesquisadores lusófonos, principalmente se financiados pelos contribuintes da lusofonia, permite, também, chegar, utilmente, a uma enorme comunidade de leitores. Se a língua é a nossa pátria, como dizia Fernando Pessoa, é, pois, de uma vasta pátria de que falamos. Escrever em português preserva, ademais, a memória das pesquisas para os lusofalantes do futuro, cujo número aumenta quotidianamente, podendo vir a atingir 400 milhões de pessoas em 2050. Aos leitores lusófonos podem, ainda, somar-se todos aqueles que entendem o português devido à proximidade do nosso idioma com as suas próprias línguas. São os casos, nomeadamente, dos 460 milhões de falantes de espanhol e de galego (língua com o qual o português comunga a origem), cujo número, em 2050, poderá ultrapassar 600 milhões.

As parcerias internacionais lusófonas, como esta edição conjunta das revistas *Dispositiva* e *Estudos de Jornalismo*, concorrendo para a afirmação, para a visibilidade e para a internacionalização dos pesquisadores lusófonos em jornalismo, alimentar-lhes-á, igualmente, a autoestima. A autoestima que advém de serem reconhecido e validado o seu esforço pelos seus pares mas também de se poderem exprimir no seu próprio idioma. Como repete o professor António Fidalgo, primeiro catedrático em Comunicação a ser eleito reitor de uma universidade portuguesa, em ciência o mais importante continua a ser o que é dito e não o idioma em que é dito.

Com gestos como este, dinamizado, em boa hora, pelos colegas Mozahir Salomão Bruck e Pedro Jerónimo, celebra-se, afirma-se e amplia-se a lusofonia. Esta edição conjunta das revistas *Dispositiva* e *Estudos de Jornalismo* é, efetivamente, um lugar de lusofonia, criado pelo trabalho intelectual de dezasseis colegas pesquisadores, que escreveram dez artigos científicos sobre o tema “Tendências do Jornalismo em Países de Língua Portuguesa”, devidamente arbitrados e validados pelos seus pares. Com esses textos, não é apenas a pesquisa lusófona em jornalismo que fica mais rica; é também o conhecimento do jornalismo lusófono que se amplia e aprofunda.

No primeiro artigo, Ana Cristina Spannenberg e Michelle Júnia Soares escrevem sobre a percepção que os neófitos na profissão fazem da categoria profissional de jornalista, a partir de uma pesquisa por questionário efetuada junto de egressos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Verificaram as autoras que os neófitos empregados em meios tradicionais estão mais satisfeitos com as suas condições de trabalho do que os neófitos que trabalham em meios não tradicionais. Mas todos se queixam da falta de tempo e da complexidade do relacionamento com as fontes. A pesquisa também apurou que os neófitos que trabalham em meios tradicionais são mais conscientes do papel social do jornalista profissional, embora todos sejam, genericamente, a favor quer da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão quer da criação de um organismo de autorregulação profissional. Ainda assim, a esmagadora maioria dos neófitos (93%) não é sindicalizada, denotando uma tendência para a desmobilização que coloca a Universidade perante o desafio de oferecer aos estudantes de jornalismo uma formação que lhes permita entender o papel social do jornalista. Seguidamente, Claudiane Carvalho reflete, numa revisão bibliográfica, sobre as relações problemáticas entre assessores de imprensa e jornalistas, concluindo que “a crescente profissionalização das fontes de informação, o enxugamento das equipas nas redações jornalísticas; as rotinas produtivas instauradas pela convergência midiática e pelas novas tecnologias, que reclamam um intervalo cada vez menor, ou inexistente, entre o acontecimento e sua publicização, e as complexas relações entre o campo do jornalismo e outros campos de poder na sociedade” tornam relevante a intensificação da pesquisa sobre o tema.

Já o terceiro artigo, de Giovana Mesquita, aborda as relações entre a audiência e os veículos jornalísticos no tempo presente, moldado pela Web pós 2.0 e pelas tecnologias interativas da

informação, realçando, num estudo sobre o *Diário de Pernambuco*, quanto a audiência é poderosa, ao ponto de afetar as rotinas profissionais, já que, beneficiando do acesso à Internet e a dispositivos moveis, “a audiência informa, fotografa, filma e coloca nos *Trending Topics* (TTs) os assuntos que considera importantes”, envolvendo-se ou sendo envolvida na produção noticiosa.

Viviane Borelli, no artigo que se segue, examina os comentários de leitores em sites e nas páginas do Facebook dos jornais *Diário de Notícias e Público*, de Portugal, e *Pioneiro e Diário Popular*, do Brasil, refletindo sobre como os leitores produzem sentido das matérias e criam vínculos – ou não – com os periódicos. A autora conclui que a disponibilização de espaços de comentário do leitor não garante a construção de vínculos com o jornal, já que esta depende da concordância ou discordância com o tema e o enquadramento. No entanto, diz Viviane Boreli, embora o espaço de comentários sirva para expor opiniões individuais e para exercer a cidadania, facultando a participação na discussão de temas de interesse comum, “a abertura desse espaço não representa, necessariamente, uma maior qualificação do debate de questões de interesse público”.

O quinto artigo, da autoria de Cândida Emília Borges Lemos e Ana Carolina Vitorino de Melo Costa, reflete sobre o processo de produção e de recepção de rádio *all-news*, com estudo de caso da BandNews FM de Belo Horizonte, Brasil. Considerando que a rádio *all-News*, vinculada à instantaneidade da informação, é uma aposta arriscada, já que o público também está interessado em entretenimento, apesar de tudo pode ter um público fiel quando é feita “por profissionais que sabem levar um tom de informalidade” à informação jornalística. O ouvinte aprende a “ter confiança naquele ‘companheiro’ que atualiza a todo momento os factos”.

O artigo seguinte equaciona o papel do jornalista enquanto autor de livros-reportagem. Nele, os autores Alexandre Zarate Maciel e Heitor Costa Lima da Rocha sustentam que os jornalistas que fazem livros-reportagem estão vinculados à ideia de autor, “ainda que compartilhem elementos da cultura profissional dos colegas que trabalham em redações hierarquizadas” e “os valores universais do jornalismo”. Como autores, esses jornalistas estão mais ciosos da sua criatividade e da sua autonomia, trabalham com prazos dilatados e têm mais tempo para contactarem fontes, obterem informações e produzirem matérias extensas que exploram visões mais profundas e diferenciadas dos factos.

No sétimo artigo, Sérgio do Espírito Santo Ferreira Júnior e Alda Cristina Costa fazem uma análise do discurso jornalístico sobre as representações sociais da violência urbana na Amazônia paraense. Centralizando a investigação na noção de enquadramento, os autores registam que as narrativas policiais não têm somente o objetivo “de apresentar relatos sobre fenómenos e acontecimentos, antes participam de uma relação mediada, em que os sentidos subjetivos e as formas reconhecidas como violência são projetadas e aderem aos conhecimentos já difundidos em sociedade”. Concretizando, “o enviesado produzido pelas narrativas demonstra um uso dramatizado da violência (...) que não parte de um vácuo social (...) mas (...) de uma determinada experiência cultural e social, já sedimentada, de que a mídia se usa, com a qual ela dialoga”.

A encenação da interatividade nas narrativas digitais jornalísticas é o tema do oitavo artigo, da autoria de Ana Teresa Peixinho e de Inês Fonseca Marques. Nele, as autoras, a partir da análise de cinco reportagens anunciadas como interativas pela estação televisiva portuguesa Sic, concluem que a interatividade prometida não se concretiza verdadeiramente, já que a narrativa inicial feita pelo jornalista, “garante da coesão do produto”, domina a matéria, e as hiperligações “não permitem uma verdadeira permuta de papéis entre emissores e recetores”. O leitor que opte por seguir autonomamente, por meio das hiperligações, um percurso alternativo, poderá “vir a conhecer temas, espaços e personagens, mas a falta de coesão entre os conteúdos não lhe permitirá perceber a sua relação.”

O artigo posterior, de Lucas Vieira de Araújo e Lilian Aligleri, é uma revisão bibliográfica que reflete sobre as potencialidades que se abrem ao jornalismo a partir da coleta e processamento automáticos de dados na Web por aplicativos robóticos ao serviço dos jornalistas.

O último artigo traz à colação o tema atualíssimo da arquitetura da informação em jornalismo multiplataforma. Estudando, por observação direta, jornais brasileiros que veiculam os seus conteúdos em ambientes multiplataforma, o que implica o redesenho de interfaces e a produção de narrativas híbridas e transmediáticas, a autora, Taciana de Lima Burgos, sustenta que os periódicos brasileiros denotam ainda a necessidade de adequação das suas arquiteturas de informação a esses ambientes.

Estamos, pois, perante um conjunto de artigos que vão ao encontro das preocupações dos editores das revistas *Dispositiva* e *Estudos de Jornalismo* quando propuseram para tema desta edição conjunta “Tendências do Jornalismo nos Países de Língua Portuguesa”, já que a sua

leitura, se bem que não dê, obviamente, um diagnóstico completo destas tendências, ajuda a compreender a atual paisagem jornalística lusófona e também sinaliza algumas das áreas-chave que preocupam os pesquisadores lusófonos em jornalismo e exigem investimento em mais e melhor investigação científica.

Jorge Pedro Sousa

Professor Catedrático de Jornalismo

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal